

IMPrensa DE LíNGUA ESTRANGEIRA E  
IDENTIDADES:  
A LUSOFONIA NOS JORNAIS DE LíNGUA  
PORTUGUESA DE MACAU <sup>1</sup>

FOREIGN LANGUAGE PRESS AND IDENTITIES:  
THE LUSOPHONY IN MACAU PORTUGUESE LANGUAGE  
NEWSPAPERS

Camila Escudero

Pesquisadora do Instituto de Pesquisa  
Econômica Aplicada (IPEA) e docente  
do curso de Comunicação Social da  
Universidade Metodista de São Paulo.

---

1 Pesquisa realizada com o apoio financeiro do Real Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro e Instituto Internacional de Macau (IIM). Rio de Janeiro, jan-dez de 2017. Uma versão deste trabalho foi apresentada no Grupo de Trabalho Comunicação e Cultura do XXVII Encontro Anual da Compós, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte-MG, 05 a 08 de junho de 2018.

**Resumo:** A imprensa de língua estrangeira costuma se desenvolver em territórios marcados por processos de colonização e/ou migração. Assim, o presente trabalho propõe verificar de que maneira jornais de Língua Portuguesa que circulam em Macau favorecem a identidade lusófona. De abordagem qualitativa, a técnica de pesquisa utilizada é a *análise de conteúdo* de *O Clarim* e *Plataforma de Macau*. Entre os principais resultados, destaca-se que ambos os títulos revelaram um favorecimento da identidade lusófona que remete à ideia de origem comum sustentada por meio de práticas comunicacionais interculturais, frutos de um modelo de organização social que envolve uma rede de fenômenos culturais e dominação política conjugados.

**Palavras-chave:** imprensa de língua estrangeira, identidades, lusofonia.

**Abstract:** The foreign language press has developed in territories marked by colonization and/or migration processes. Thus, the present paper proposes to verify how Portuguese-language newspapers circulating in Macao nowadays can favor the Portuguese-speaking identity. Using a qualitative approach, the research technique used is the content analysis of *Clarim e Plataforma de Macau*. Among the main results, we highlight that both titles showed a favoring of the Portuguese-speaking identity, related to an idea of common origin and sustained by intercultural communication practices as result of a model of social organization involved a network of cultural phenomena and political domination combined.

**Keywords:** Foreign language press, identities, lusophony.

## 1. Introdução

Foi no século XVI, período das grandes navegações europeias, que Portugal, a exemplo do que fez com o Brasil e outros países africanos, colonizou Macau. Na época, o território chinês se tornou um importante entreposto comercial entre China, Europa e Japão, ou uma ponte de negócios entre o Oriente e o Ocidente. Séculos depois, precisamente em 1887, foi assinado o *Tratado de Amizade e Comércio Sino-Português*, pelo qual o governo da China reconhecia, oficialmente, a soberania e ocupação perpétua portuguesa da localidade. No final do último milênio, porém, após intensas negociações entre Portugal e a República Popular da China, os dois países acordaram, no dia 20 de dezembro de 1999, que Macau voltaria para a soberania chinesa.

Hoje, a denominada Região Administrativa Especial de Macau (RAEM) ocupa uma área de 30,3 km<sup>2</sup> da China e tem uma população estimada em 640 mil habitantes. A intensa movimentação geopolítica em torno desse território ao longo do tempo não poderia ter outro resultado: uma diversidade peculiar, plural e híbrida das identidades sociais a partir do convívio de culturas diferentes, estabelecidas a partir da ideia de Estado-nação.

Tais identidades se encontram materializadas em diversos aspectos: hábitos e costumes, arquitetura, religião, tradições etc. Neste trabalho, focare-

mos na questão do idioma. São duas línguas oficiais na RAEM: o Mandarim e o Português. Outras quatro línguas fazem parte do dia a dia da população: o Cantuense (dialeto da província de Cantão falado por 83,3% da população de Macau), o Putonghua (língua falada pela grande maioria da população chinesa), o Inglês (utilizado por 21% das pessoas em Macau) e o Filipino.

A comunidade de falantes da Língua Portuguesa na RAEM representa 0,6% do total populacional (Censo 2011). Estima-se que, em números absolutos, cerca de dez mil pessoas falam ou entendam o Português no território, o que garante sua participação na Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), que reúne Portugal e suas ex-colônias em torno de uma identidade reconhecida como lusofonia.

Por conta de todo esse contexto, são identificados no território diversos veículos de comunicação em Português, que acabam por integrar a chamada imprensa de língua estrangeira. Esse tipo de mídia costuma ser conhecida por estabelecer um canal próprio de comunicação entre os falantes de um mesmo idioma num território externo ao de origem, bem como garantir a manutenção das identidades culturais e sociais do grupo por meio da língua. Seu conteúdo transmite valores estabelecidos por determinado grupo, permitindo um contato de seus leitores com um conjunto de normas, comportamento e ideias or-

ganicamente sistematizados, em um processo de integração, pertencimento e reconhecimento.

Os primeiros jornais em Português nasceram em Macau no início do século XIX e se estima que, só entre 1822 e 1930, tenham circulado no território 51 títulos (COSTA, s./d.). Desde 2000, há três jornais diários: *Ponto Final*, *Tribuna de Macau* e *Hoje Macau* e três revistas mensais: *Revista Macau*, *Revista de Cultura*, produzida pelo Instituto Cultural de Macau, e *Administração - Revista de Administração Pública de Macau*, publicada pela Direção dos Serviços de Administração e Função Pública (ENCARNAÇÃO, 2008). Há ainda os semanários *O Clarim*, de propriedade da diocese de Macau, e, desde 2014, o *Plataforma Macau*, bilíngue Português e Chinês, ambos que constituem nosso *corpus* de pesquisa.

Cientes do papel da imprensa como contribuinte da compreensão da sociedade surge o seguinte problema: os jornais escritos em Língua Portuguesa que circulam na RAEM podem favorecer a identidade lusófona? De que maneira isso aparece nas páginas desses veículos?

Para atingir os objetivos da pesquisa e proporcionar a descrição objetiva e sistemática do conteúdo dos jornais de Língua Portuguesa que circulam na RAEM, fizemos uma análise de conteúdo de abordagem qualitativa, além de pesquisa bibliográfica. Como recurso teórico-metodológico, utilizamos os conceitos de lusofonia e interculturalismo.

## 2. A Língua Portuguesa em Macau

A história da Língua Portuguesa em Macau e nas demais regiões colonizadas por Portugal se confunde com a própria história da expansão ultramarina no século XV e com o papel da igreja católica na Europa da época. Além de promover a difusão da religião e a catequização dos nativos, a ordem dos jesuítas, especialmente, foi responsável pelo ensino da Língua Portuguesa nas regiões sob o domínio luso (CANIATO, 2004, p. 129).

De acordo com Batalha (1995), não há documentos escritos registrando o Português falado nos primeiros séculos de colonização; porém, pode-se afirmar que os chineses de Macau deste período expressavam-se por meio do crioulo patuá. Com o intuito de facilitar a comunicação com o Português europeu, eles assimilaram alguns vocábulos e estruturas da Língua Portuguesa ao Mandarim, dando origem ao Patuá.

Por conta da pequena área territorial de Macau e o pouco número de habitantes, o contato geográfico muito mais próximo com a realidade oriental da China, a decadência do império Português e a perda das ex-colônias, o imbróglho político e diplomático pela disputa do território, a chegada de levas de imigrantes de outras nacionalidades, especialmente das Filipinas, e uma série de outros fatores, o Português de Macau não se desenvolveu, a exemplo de países

como o Brasil, Angola, Moçambique etc. Dessa maneira, apesar de ser considerado o idioma oficial do país, ao lado do Mandarim, o uso da Língua Portuguesa na RAEM, atualmente, está muito mais atrelado ao passado histórico e à ideia de se ativar e reviver o infinito conjunto de significados que estão embutidos em sistemas referenciais e culturais do que a uma necessidade real dos habitantes.

De acordo com Espadinha e Silva (2009), apesar da presença dos portugueses, o ensino e divulgação da Língua Portuguesa só tardiamente foram preocupações centrais da antiga administração, nomeadamente com a criação das escolas luso-chinesas, na primeira metade do século XX. Os autores chamam a atenção para a necessidade de uma política linguística para a Língua Portuguesa na RAEM. Tal “medida permitirá que o Português se torne verdadeiramente a segunda língua de Macau e deixe de ser apenas a segunda língua oficial da região” (ESPADINHA; SILVA, 2009, p. 13).

Hoje, a razão fundamental para o aprendizado do idioma seria interesse econômico: avolumam-se os negócios entre a China Continental e os países de Língua Portuguesa. E Macau é vista como “uma plataforma” para estas negociações. É curiosa essa visão proposta por Espadinha e Silva (2009), uma vez que reforça a imagem, estabelecida desde os tempos das grandes navegações portuguesas, de que o território chinês, na época da sua colonização, era um impor-



tante entreposto comercial entre China, Europa e Japão, ou uma ponte de negócios entre o Oriente e o Ocidente.

Outra pesquisadora que se mostra bastante crítica em relação ao uso da Língua Portuguesa em Macau é Água-Mel (2012). Segundo a autora, o Português é imposto por decreto, mas o seu uso não se generalizou entre a população e sua aprendizagem só é empreendida pelos residentes que desejam trabalhar na função pública. “Nunca houve, por parte das autoridades portuguesas e chinesas, nenhum investimento naquele que é um dos principais instrumentos de um processo de construção identitária: a língua” (ÁGUA-MEL, 2012, p. 12).

Tateishi e Brito (2011), em uma revisão de literatura sobre a situação da Língua Portuguesa em Macau, por sua vez, ponderam que Macau, mesmo sendo uma região onde a comunicação em Língua Portuguesa assume, atualmente, pouca expressividade, podemos verificar traços culturais fortemente marcados por elementos oriundos de uma matriz portuguesa.

Outro aspecto é registrado quanto ao “tipo” de Português que existe na RAEM, hoje. Espadinha e Silva (2009, p. 6-7) dizem que há algumas diferenças, “naturalmente, condicionadas pelas influências recebidas quer do chinês, quer do inglês”, entre o Português de Macau e o de Portugal. Alguns níveis nos quais se manifestam as diferenças: fonológico, morfossintático e lexical. De acordo com os autores, há,

inclusive, um conjunto de palavras e expressões, especialmente do cantonês e do crioulo de Macau que se fixaram no idioma local.

Opinião semelhante apresenta Batalha (1995), após estudo sobre os principais aspectos fonéticos, morfológicos e sintáticos característicos do patuá. Dentre os aspectos citados, a filóloga considera que é na sintaxe em que se verificam as maiores influências da Língua Chinesa. Isso ocorre porque o Chinês, assim como todo estrangeiro que não domina uma língua estrangeira, tende a fazer uma tradução literal de sua língua para outra. Assim, um chinês invertiria sentenças como “Quem é?” e “Eu gosto muito” e as expressaria, respectivamente, “É quem?” e “Eu muito gosta”.

### 3. Macau e a Lusofonia

A Lusofonia, a princípio, é um termo utilizado para designar um conjunto de países geograficamente distantes, mas identificado pela presença da Língua Portuguesa (em suas variantes diatópicas e diastráticas). É a identidade que rege, por exemplo, a Comunidade de Países de Língua Portuguesa (CPLP), constituída por Brasil, Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Guiné Equatorial, Moçambique, Portugal, São Tomé e Príncipe e Timor-Leste.

De acordo com Macedo (2014, p. 17-18), os falantes de Língua Portuguesa representam, atualmente,

mais de 270 milhões de pessoas. É o quinto ou sexto idioma (dependendo dos critérios) mais falado no mundo. No entanto, só Brasil e Portugal representam, juntos, 80% desse número<sup>2</sup>, o que coloca em xeque os fatores quantitativo e/ou geográfico como sustentadores válidos do conceito.

O significado etimológico de lusofonia resulta da conjugação de duas palavras: *luso*, sinônimo de lusitano ou português; e *fonia*, de origem grega se refere à língua oral. Vários autores já a discutiram com relevante profundidade. É o caso de Brigagão (1996), Costa e Varela (2009), Cristóvão (2002; 2008), Me-deiros (2006), entre muitos outros. Neste trabalho, adotaremos a definição de Rocha-Trindade (1998, p. 41):

Compreende os falantes da língua, seja ela materna, oficial ou estrangeira; os espaços onde se situam e, por extensão, os eventualmente não lusófonos que os habitem; os países soberanos onde essa língua é predominante e, bem assim, as comunidades minoritárias que se reclamam do Português ou da correspondente cultura, ou de uma ancestralidade, conhecida ou simplesmente provável, que com Portugal esteja relacionada.

---

2 Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE), a população brasileira em 2017 era de 207,6 milhões de pessoas; já Portugal contabilizou, em 2016, 10,6 milhões de habitantes, de acordo com o Instituto Nacional de Estatísticas (INE). Fontes: [www.ibge.gov.br](http://www.ibge.gov.br) e [www.ine.pt](http://www.ine.pt).

Em uma análise crítica do termo, Pina-Cabral (2010) chama de “lusotopia” a construção de identidades continuadas que encontram a sua origem na expansão portuguesa do século XVI. Segundo o autor, não se trata de um espaço definido e limitado baseado apenas em aspectos geográficos, linguísticos, históricos e culturais, mas, sim uma rede aberta de interligações com complexidade e dinâmica próprias. “A lusotopia é muito mais constitutiva dos universos cotidianos das pessoas em causa e é mais abrangente por estar inscrita no mundo ambiente (PINA-CABRAL, 2010, p. 15).

Assim, na prática, porém, podemos afirmar que lusofonia é um conceito polissêmico, interdisciplinar e presumivelmente pós-colonial, que leva igualmente em conta aspectos psicossociais extremamente relevantes, de ordem:

- Geopolítica: engloba um conjunto de países e de povos cuja língua materna, corrente ou oficial, é o Português.
- Linguística: a prática do Português, falado e escrito, suas regras gramaticais, ortográficas, seus autores e suas variações contextuais, porém, geridas coletivamente com vistas à guarda e promoção.
- Ideológica: o cerceamento da diversidade cultural e social das histórias de desenvolvimento das ex-colônias portuguesas, remetendo-as à imagem de submissão ao “grande império

português” e reforçando a violência das relações históricas entre Portugal e os países colonizados.

- Identitárias: um elemento aglutinador baseado em um mesmo passado de colonização portuguesa e que partilha características históricas, culturais e linguísticas semelhantes.

No caso da aproximação entre Macau (e China, em geral) e países lusófonos, questiona-se se ocorre por um sentimento de pertencimento e compartilhamento de uma identidade comum ou como simples consequência de um contexto comercial, orientado pela política externa chinesa que prioriza aspectos econômicos.

Martins (s.d.) explica que a economia chinesa em rápido crescimento tem necessidade de grandes quantidades de matérias-primas e de recursos energéticos que escasseiam cada vez mais em território chinês. Nos últimos anos, Beijing tem procurado novas fontes destes recursos e tem sido nos países em vias de desenvolvimento, como os da África e da América Latina, onde tem encontrado uma resposta alternativa às suas necessidades.

Soma-se a isso, o reconhecimento do papel da China como um dos líderes dos países em vias de desenvolvimento, por exemplo, e sua participação no BRICS<sup>3</sup>.

---

3 Sigla formada pelas letras iniciais de Brasil, Rússia, Índia e China, formulada em 2001, pelo economista Jim O’Neill, do banco Goldman Sachs, em estudo com prognósticos sobre o crescimento das economias desses países.

Outra crítica nesse sentido é feita por Água-Mel (2012, p. 18):

Macau há muito que vende sua ‘Lusitanidade’ promovendo a sua herança arquitetônica de cunho português e cultivando a sua multiculturalidade. Mas tal como o *ex-libris* de Macau é apenas uma fachada magnificamente decorada, o processo de construção identitária de Macau apresenta-se como uma máscara que esconde um enorme vazio.

#### 4. A imprensa de Língua Portuguesa de Macau

Encarnação (2008) faz uma tentativa de enquadrar a realidade da imprensa de Língua Portuguesa de Macau com a legislação em vigor e com as características sociais do território. Porém, o autor reconhece que a “ausência de um banco de dados centralizado, sob a égide de uma instituição privada ou pública, e a dispersão da informação por várias entidades locais contribui para a existência de inúmeras versões sobre este tema” (ENCARNAÇÃO, 2008, p. 767).

Com base na obra *Macau 2007 – Livro do Ano*, Encarnação cita o registro de três jornais diários em português: *Ponto Final*, *Tribuna de Macau* e *Hoje Macau*. “O único seminário que se publica, até os dias de hoje, em Língua Portuguesa é *O Clarim*”. Ainda de acordo com o autor (2008, p. 777), pelo menos três revistas compõem os registros dos periódicos editados em

Português: *Revista Macau*, *Revista de Cultura*, produzida pelo Instituto Cultural de Macau, e *Administração - Revista de Administração Pública de Macau*, publicada pela Direcção dos Serviços de Administração e Função Pública.

A maioria das publicações em Macau, independentemente do idioma, está sujeita a apoio governamental. Ainda segundo Encarnação (2008, p. 772), em 2007, o Gabinete de Comunicação Social distribuiu quase 10 milhões de patacas entre 17 periódicos, entre eles *O Clarim*, que recebeu cerca de 300 mil patacas. Outros títulos em Português beneficiados foram: *Jornal Tribunal de Macau*, *Ponto Final* e *Hoje Macau*.

## 5. Recursos teórico-metodológicos

Considerando a multiplicidade de identidades, redes e organizações dentro de uma relação espaço e tempo, abordagens que propõem, cada uma com suas particularidades, uma definição alternativa para unidades de análises gerais estabelecidas com a finalidade de pensar sobre entidades territorializadas e desterritorializadas, bem como nacionalizadas e cosmopolitas ao mesmo tempo, utilizamos, neste trabalho, especificamente, a proposta de interculturalismo, de Canclini (2005).

De abordagem interacionista, a perspectiva interculturalista evidencia os modos de organização de múltiplos laços e interações entre pessoas e institui-

ções através das fronteiras dos estados-nação, porém, privilegiando aspectos culturais dos sujeitos envolvidos em um quadro histórico e geopolítico amplo, marcado, nos nossos dias, pela aceleração dos fluxos informacionais e comunicacionais.

Assim, são reveladas estruturas não-fixas de indivíduos e grupos originários de diferentes tipos de sociedades (rural ou urbana, agrária ou industrial, central ou periférica etc.) com distintas tradições (hábitos, costumes), religiões e instituições políticas. Nesses espaços, físicos ou virtuais, frequentemente, fala-se outros idiomas e seguem-se diferentes práticas culturais e religiosas. Fisicamente, seus membros são diferentes, também, tanto na cor da pele, tipo do cabelo, estatura, traços do rosto etc., como no modo de se vestir, andar e se expressar. Parte dessas estruturas, bem como a comunicação entre elas, é responsável pela construção da diversidade e identidade cultural do planeta, ou pela reconfiguração do conjunto de paisagens sociais e culturais da nossa época.

A ideia de interculturalidade, de acordo com Canclini (2005), remete à mistura de sujeitos e sociedades, ou seja, ao que acontece quando as diferenças se encontram, convivendo em situações de negociações e trocas recíprocas. Tal situação ganha relevância não só dentro de uma etnia ou nação, mas em “circuitos globais, superando fronteiras, tornando porosas as barreiras nacionais ou étnicas e fazendo com que cada grupo possa abastecer-se de repertórios cultu-



rais diferentes (CANCLINI, 2005, p. 43)”, em uma reelaboração intercultural do sentido de práticas subjetivas e culturais.

Para atingir os objetivos da pesquisa e proporcionar a descrição objetiva e sistemática do conteúdo dos jornais de Língua Portuguesa que circulam em Macau, foi feita uma análise de conteúdo. Nas palavras de Krippendorff (1990, p. 28, tradução nossa), “é uma técnica de investigação destinada a formular, a partir de certos dados, inferências reproduzidas e válidas que possam aplicar-se a seu contexto”. A análise foi organizada de acordo com o que Bardin (1977, p. 95, tradução nossa) chamou de “pólos cronológicos”: a) Pré-análise; b) Exploração do material; e c) Tratamento dos resultados, interferência e interpretação.

O *corpus* da nossa pesquisa foi composto pelos dois títulos: *O Clarim* e *Plataforma de Macau*. Apesar de ambos serem semanários, circularem em Macau e serem escritos em Língua Portuguesa, as semelhanças acabam por aí, os dois diferem com relação a formatos jornalísticos, estrutura empresarial e, principalmente, linha editorial. Tantas diferenças foram essenciais para revelar as perspectivas e observações sobre forma e conteúdo com foco, extraíndo por detrás de seus conteúdos manifestos, conteúdos latentes e contextualizando, em termos da sociedade total, elementos de sentido social.

*O Clarim* é um jornal impresso de propriedade da Diocese de Macau, publicado semanalmente (todas

às sextas-feiras), em três idiomas: Português, Inglês e Mandarim. Cada edição, atualmente, tem cerca de 15 páginas e é vendida por 12 patacas. A ideia de *O Clarim* surgiu em 1943 e, atualmente, o jornal é considerado a mais antiga publicação em Português com circulação regular em Macau. Cada edição é dividida por editorias mais ou menos fixas. O responsável é o Padre José Mario O. Mandía.

Já *Plataforma Macau* surgiu em 16 de maio de 2014. É um semanário bilíngue, escrito em Mandarim e Português, que circula em Macau, todas as sextas-feiras. É publicado também mensalmente em Portugal, em encarte incluído nos jornais *Diário de Notícias* e *Jornal de Notícias*. A redação atual funciona na Av. Venceslau de Moraes, 218, Macau. Cada edição tem cerca de 40 páginas, divididas em três cadernos, em formato tabloide. Há muitos anúncios publicitários, a maioria escrito em Mandarim. A administração geral é de António José de Freitas e a direção do jornal, de Paulo Rego. Há repórter e diagramador fixos; o restante da equipe é de colaboradores.

Diante da amostra construída estabelecida previamente, foram analisadas quatro edições de *O Clarim* e quatro de *Plataforma de Macau*, publicadas nos últimos quatro anos. No total foram lidas 224 páginas de ambos os títulos. Dessas, apenas o conteúdo jornalístico constituiu nossa unidade de registro, os anúncios publicitários, fotografias e ilustrações, e expedientes foram excluídos. Assim, nosso *corpus* de análise foi

formado por 202 textos, sendo 91 de *O Clarim* e 111 de *Plataforma Macau*. Todos os textos foram submetidos ao processo de categorização, de acordo com o protocolo abaixo:

Título: (do jornal)								
Edição: (Nº) - Ano: - Data:								
Tex- to	Pág.	Gê- ne- ro	Fon- te	Lu- gar	Tema		Elemento Identitário Lusófono (EIL)	
					Ge- ral	Espe- cífico	Iden- tifica- ção	Des- cri- ção

## 6. Principais resultados

A categoria *Gênero* nos mostrou que os dois jornais utilizam a reportagem, a notícia e a coluna de opinião como principais formatos. A subcategoria *Outros*, em *O Clarim*, refere-se, basicamente aos textos bíblicos (homilias, salmos, trechos da bíblia etc.); já *Plataforma Macau* corresponde aos editoriais, escritos pelo editor responsável Paulo Rego.

Na categoria *Fonte*, verifica-se que, em ambos os jornais estudados, a equipe fixa de repórteres e os colaboradores, especialmente os colunistas, produzem a maior parte do conteúdo. Outra semelhança é que ambos os títulos, apesar de linhas editoriais distintas, publicam notícias da *Agência Lusa*, sendo que *Plataforma Macau* ainda faz uso do conteúdo do *China*

*Daily*. Por ser um jornal ligado à Igreja Católica, *O Clarim* tem uma série de textos produzidos por padres e teólogos. Destaque ainda para o alto número de textos que não tiveram a fonte identificada (NI).

O elevado número de textos de Economia e de Religião verificados em *Plataforma Macau* e *O Clarim*, respectivamente, revelam a já anunciada linha editorial do veículo. Apesar desse foco, os números mostram abertura para outras temáticas que dominam os jornais impressos, em geral. Destaca-se que a classificação do conteúdo em apenas uma temática é predominante, ou seja, não significa que o texto aborde única e exclusivamente a categoria na qual foi classificado.

Se a categoria *Tema* revelou que ambos os jornais, apesar de suas linhas editoriais totalmente distintas, apresentam semelhanças com relação aos temas tratados (a análise mostrou que, com exceção de Religião, todas as outras estão presentes nos dois veículos), o mesmo não acontece com os países retratados, revelando uma pluralidade de locais abordados. Outra questão é que, o número de países sobre os quais tratam o conteúdo não corresponde exatamente ao número de textos analisados. Isso porque um mesmo texto pode falar de vários países, de situações binacionais etc.

Alguns exemplos dessa observação são os textos: “TAP talvez um dia”, sobre a possibilidade da empresa aérea instalar uma linha direta entre Macau e Lis-

boa, e “Perigo regional”, que contém uma entrevista do presidente do Instituto de Estudos Europeus de Macau, Sales Marques, sobre a ameaça do Japão, classificado por ele como uma “potência militar” em relação à China. Sendo assim, foram considerados na categorização os principais países relatados (no geral, dois ou três). A grande quantidade de textos que não tiveram sua localização identificada em *O Clarim* refere-se aos textos religiosos (homilias, salmos, trechos da bíblia etc.). Chama a atenção o fato de haver países retratados que não integram a CPLP, política editorial de ambos os títulos.

## 7. A lusofonia no conteúdo

O fato de um dos jornais analisados (*O Clarim*) ser católico e de ambos os títulos serem escritos em Português já são categorias indicativas do reconhecimento dos aspectos psicossociais que implicam a lusofonia (geopolítico, linguístico, ideológico e identitário). Entretanto, a análise nos mostrou algumas particularidades dessas características.

Quantitativamente, o conceito de lusofonia aparece no conteúdo dos dois veículos. Identificamos o que classificamos como *Elemento lusófono* em 29 textos de *O Clarim* e 14 textos de *Plataforma Macau*, contra um total de 91 e 111 textos analisados, respectivamente. Eles compõem os mais variados tipos, independentemente do Gênero, Fonte, Tema e Lugar, descritos acima.

Já entrando numa abordagem mais qualitativa, a descrição desses *Elementos lusófonos* encontrados foram: *Língua Portuguesa e CPLP*, que remete ao aspecto linguístico da lusofonia; *Macau*, que reflete o aspecto geopolítico; e *Catolicismo, Personagens históricos, Navegações e Descobrimento e Saudades e Despedida*, sobre o aspecto identitário da lusofonia.

Fundamental na união e representação da comunidade de leitores de ambos os jornais, o elemento lusófono que classificamos como *Língua Portuguesa e CPLP*, entendida nesse trabalho por meio do aspecto linguístico do conceito de lusofonia, é a ferramenta não só para se produzir o jornal, mas personagem do conteúdo. É utilizada, com frequência, para evocar a identificação dos envolvidos, a partilha de experiências e a importância do idioma no mundo, conforme os trechos:

Uma das principais características de Macau é o cruzamento entre as culturas portuguesa e chinesa. Por isso, a cultura portuguesa tem grande influência e impacto em Macau. É preciso apoiar [a língua portuguesa] para uso futuro (*O Clarim*, 09/09/2016, p.2).

O que Macau tem de mais raro, pois nem Hong Kong nem Cantão podem replicar: 500 anos de experiências partilhadas com sociedades lusófonas, em cinco continentes, com uma língua comum e uma visão do mundo que pode ser capitalizada. Um recurso fantástico e único. (...) Quando digo que o português é uma língua mais importante que o francês ficam admirados (*Plataforma Macau*, 03/10/2015, p.7-8-9).

Outro ponto com relação à Língua Portuguesa é o fato de não termos identificado, em nenhum dos dois títulos, palavras diferentes ou pouco usuais ao Português do Brasil, ou sequer termos com significados desconhecidos, que pudessem indicar certo regionalismo da Língua Portuguesa praticada em Macau. Uma hipótese para esse cenário é que, no caso de *Plataforma Macau*, por exemplo, o jornal circula também em Lisboa; outra é que, como os dois veículos estão disponíveis na internet, o Português utilizado segue normas da linguagem culta ou formal, para acesso de todos, especialmente, leitores-membros da CPLP.

Notam-se apenas pequenas diferenças na grafia de algumas poucas palavras com relação ao Português do Brasil, como *quilômetros*, *objetivo* e *fato* ou variações na composição gramatical das frases, próxima ao Português de Portugal: “Campeonato arranca a 13 de setembro” (*O Clarim*, 05/09/2014, p. 11); “o jornalista pergunta-lhe se está a brincar” (*Plataforma Macau*, 03/10/2015, p. 32); e “O mercado em Macau está a estabilizar, estamos a ver isso” (*Plataforma Macau*, 20/05/2016, p. 23). Atrelada a essa defesa da Língua Portuguesa, a CPLP também é referenciada em vários textos.

Além do aspecto linguístico da lusofonia, o aspecto identitário é o que mais aparece no conteúdo. Trata-se do que classificamos como elementos lusófonos, que remetem a uma história comum, de identificação, pertencimento, reconhecimento e proximidade. Um

deles é o que reunimos na classificação *Navegações e Descobrimto*. Resquício do período das grandes expedições marítimas, descobertas e colonizações, esse imaginário, real ou simbólico, destaca os conquistadores, aventureiros, desbravadores nas páginas de *O Clarim*, especificamente em uma notícia sobre a visita do cônsul honorário de Portugal a Omã e outra sobre uma visita do autor do texto ao Museu Nacional de Mascate.

Seja por conta de toda a influência católica em Portugal (que acabou sendo transmitida às ex-colônias), seja pelo fato de o Brasil ser o maior país católico do mundo, constata-se, obviamente, pela linha editorial de *O Clarim*, que a religião é considerada outro elemento da identidade lusófona de grande importância, que denominamos *Catolicismo*. Citações de Nossa Senhora de Fátima são registradas com frequência no conteúdo do jornal e até quem não pertence, seguindo o critério nacionalidade, à lusofonia, passa a ser caracterizado assim pelo contexto. É o caso da reportagem que noticiou a viagem do Papa Francisco ao Brasil, em 2013, um argentino que vive na Itália, mas que virou *Francisco lusófono* ou, no mesmo texto, o Sri Lanka, onde o Português é falado em pequenas comunidades.

Personalidades da história e da literatura de Portugal, os grandes navegadores e reis também foram agrupados em outro elemento lusófono, relacionado ao aspecto da identidade, que denominamos *Personagens*. Todos estão presentes em ambos os jornais,



como D. Manuel, Fernão Dias, Rei D. João IV, Luís Vaz de Camões, Fernando Pessoa etc.

Costuma-se dizer que o português sente saudades de tudo, até mesmo daquilo que não foi, e que a palavra saudade só existe na Língua Portuguesa. Esse imaginário social está intimamente ligado ao espírito aventureiro que remete ao período das grandes navegações. Segundo Sciaretta (1994, p. 162), a saudade é uma manifestação construída sobre a grandiosidade do Império Colonial, “um passado vivo na memória de um povo que sofre sua decadência”. Semelhante opinião compartilha Pascal (2005, p. 86), para quem a saudade é vista como elemento essencial do caráter português que integra a memória coletiva que “se alimenta do imaginário social, passando pelos descobrimentos, a emigração e a separação da família pelo mundo”. Vale ainda destacar aqui, rapidamente, o trabalho de Eduardo Lourenço (2016) que, ao repensar a identidade e realidade portuguesa traçando um percurso histórico do país, enfatiza uma “obsessão pelo passado” e uma “esperança messiânica de um futuro melhor”.

Em ambos os jornais, dois trechos, em especial, destacam este sentimento que agrupamos no elemento lusófono *Saudades e Despedidas*, que também corresponde ao aspecto identitário da lusofonia. O primeiro é uma crônica sobre a volta à rotina de trabalhos e estudos após as férias, uma análise que envolve aspectos sociais e econômicos; o segundo, uma notícia política

sobre a possível reeleição de Pedro Passos Coelho<sup>4</sup> em Portugal.

Os que partem, cada vez mais, levam na bagagem a esperança de uma alternativa à situação dos que ficam. Os que ficam, cada vez menos, enfraquecem essa esperança na desilusão do seu quotidiano e naqueles que o podem transformar (*O Clarim*, 04/09/2015, p.12).

Enxertou-me a alma lusitana. Antes de ela chorar, já eu enxugava as lágrimas. Kátia partiu-me todo. Mil ideias e emoções voaram pelo auditório da Torre de Macau. Por muito que queira Macau, ali fui mais um emigrante; por mais terras que tenha palmilhado, senti-me ali português; tenha a força e a vontade que tiver, há uma palavra chamada saudade, que apela à identidade. Esteja lá quem estiver, venha de lá quem vier, aquilo que se sente em Macau é que Portugal tem que vingar (*Plataforma Macau*, 23/05/2014, p.3).

Por fim, séculos depois da chegada dos portugueses a Macau, o território ainda carrega a imagem de um importante entreposto comercial entre o Oriente e o Ocidente, ou ainda uma ponte entre a China e os países de Língua Portuguesa. Nesse sentido, encontra-se o elemento lusófono que denominamos *Macau*, que remete ao aspecto geopolítico da lusofonia. São ilustrativos um trecho sobre as dificuldades de mercadorias portuguesas, especialmente o vinho, entrarem na China e um outro que faz uma análise sobre a situação política de Portugal e suas implicações em Macau.

---

4 Primeiro ministro de Portugal, entre 2011 e 2015 e presidente do Partido Social Democrata (PSD) de 2010 a 2018.

## 8. Considerações finais

O estudo de *O Clarim* e *Plataforma Macau*, ambos jornais impressos escritos em Português que circulam atualmente na RAEM, revelaram, em um primeiro momento, o favorecimento da identidade lusófona, que não deixa de remeter ao reforço de hábitos, costumes e tradições relacionadas ao histórico de origem comum. Em um segundo momento, porém, percebe-se, a partir do conteúdo analisado, que seus produtores criam um espaço social identitário baseado em um modelo de organização social, que, segundo as ideias de Pina-Cabral (2010), constituem uma rede de fenômenos culturais e dominação política conjugados ao escolher e adaptar o que vai ser mostrado dentro das suas possibilidades, mas também, de acordo com o que acreditam que seus receptores podem ler e compreender.

A esse espaço social identitário criado por ambos os jornais, reconhecemos como lusofonia. Nele, se faz uso, como principal recurso simbólico, a Língua Portuguesa, que sabemos ser indissociável do processo de construção de uma identidade, mas não único. Religião (catolicismo), aspectos, percursos e personagens históricos, além da questão da saudade/despida, também aparecem como integrantes evocados não em um tempo linear, mas que envolvem outros modos de temporalidade, por exemplo, a representação da Macau atual, em um processo interativo e constante.

Nesse contexto, a partilha de um passado comum enfatizada pelo que chamamos neste trabalho de *Elementos identitários lusófonos* funciona ainda como catalizador de aspectos psicossociais de ordem geopolítica e ideológica, em uma relação desequilibrada entre Portugal e suas ex-colônias incorporada, transformada e recriada, a todo momento, no interior de um sistema de representações materializadas em textos, fotos e demais recursos gráficos componentes dos periódicos noticiosos.

Tais resultados, acreditamos, são sustentados por meio da prática de uma comunicação intercultural, que considera a dimensão comunicacional não apenas na sua acepção instrumental de veiculação, transmissão e/ou representação, mas principalmente, em suas conotações de vinculação social, interação simbólica e produção subjetiva.

Devemos ter em mente que, como um discurso, tais jornais revelam constante alternância de foco da particularidade e estão orientados para uma grande diversidade de fins. Assim, os jornais de língua estrangeira *O Clarim* e *Plataforma Macau* não são meras ferramentas de circulação do fluxo informacional, mas nos dão pistas para a compreensão do conceito de lusofonia ao indicar de que maneira tal organização se apropria dos diferentes discursos como potencial para se desenvolver a partir dos requerimentos de suas próprias práticas culturais.

## Referências

- ÁGUA-MEL, C. Um Macau “imaginado” em Língua Portuguesa. *Fragmentun*, Laboratório Corpus: UFSM, n. 35, parte II, p. 11-27. Out.-Dez, 2012
- BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BATALHA, G. N. *O português falado e escrito pelos chineses em Macau*. Macau: Instituto Cultural de Macau, 1995.
- BRIGAGÃO, C. Comunidade dos Países de Língua Portuguesa: caminhos de integração fraterna. *Política Internacional*, n.13, p. 13-24, 1996.
- CANCLINI, N. G. *Diferentes, Desiguais e Desconectados*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005.
- CANIATO, B. J. L. Macau, história e cultura. In: GARMES, H. (Org.). *Oriente, engenho e arte*. São Paulo: Alameda, 2004. p. 115-137.
- COSTA, C. M. *Early Press in Macao: Claiming Autonomy and Identity in an International Context*. In: Agência LUSA, s./d. Disponível em: <<http://observinguaportuguesa.org/pri-meiros-jornais-de-macau>>. Acesso em: 20 out.2016.
- COSTA, S.; VARELA, O. Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP): Comunidade ‘Lusófona’ ou Fictícia?. *Tempo Exterior*, n. 19, p. 23-46, 2009.
- CRISTÓVÃO, F. *Os três círculos da Lusofonia*. Lisboa: Humanidades, 2002.
- CRISTÓVÃO, F. *Da Lusitanidade à Lusofonia*. São Paulo: Alameda Brasil, 2008.
- ENCARNAÇÃO, J. M. Imprensa Portuguesa de Macau Enquadramento na realidade jurídica e social da RAEM. *Administração*, n. 81, vol. XXI, 2008, p. 767-788. Disponível em: <<file:///C:/Users/Camila/Downloads/Imprensa%20Portuguesa%20de%20Macau%20Enquadramento%20na%20realidade%20jur%20C3%ADdica%20e%20social%20da%20RAEM.pdf>>. Acesso em: 10 out. 2017.
- ESPADINHA, M. A.; SILVA, R. O português de Macau. In: II SIMPÓSIO MUNDIAL DE ESTUDOS DE LÍNGUA PORTUGUESA – A LÍNGUA PORTUGUESA: ULTRAPASSAR FRONTEIRAS, JUNTAR

CULTURAS. Évora: Universidade de Évora, 2009. Anais. Disponível em: <<http://www.simelp2009.uevora.pt/pdf/mes/02.pdf>>. Acesso em: 02 fev. 2017.

KRIPPENDORFF, K. *Metodologia de Analisis de Contenido*. Barcelona: Ediciones Paidós, 1990.

LOURENÇO, E. *O labirinto da saudade*. Rio de Janeiro: Tinta da China Brasil, 2016.

MACEDO, L. L. *Estratégias de desenvolvimento do conceito de lusofonia num mundo globalizado*. Dissertação (Mestrado em Administração e Economia) - Faculdade de Economia e Finanças IBMEC, Rio de Janeiro, 2014.

MARTINS, D. Macau na encruzilhada das rotas sino-lusófonas. In: Observatório da China, s./d. Disponível em: <<http://www.observatoriodachina.org/images/papers/p.pdf>>. Acesso em: 28 jan. 2017.

MEDEIROS, P. Lusofonia: discursos e representações. *Revista Electrónica dos Programas de Mestrado e Doutoramento do CES/FEUC/FLUC*. n.1, 2006.

PASCAL, M. A. M. *Portugueses em São Paulo: a face feminina da imigração*. São Paulo: Expressão & Arte Editora, 2005.

PINA-CABRAL, J. Lusotopia como Ecumene. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 25, n. 74, p. 5-20, 2010. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v25n74/a01v2574.pdf>>. Acesso em: 14 jul. 2020.

ROCHA-TRINDADE, M. B. O espaço da lusofonia: migrações e diálogo intercultural. *Discursos. Estudo de língua e cultura portuguesa*, p. 37-48, 1998. Disponível em: <<https://repositorio-aberto.uab.pt/bitstream/10400.2/3972/1/MBeatriz.pdf>>. Acesso em: 15 out. 2017.

SCIARETTA. In: MEDINA, C. (org.). *Nau dos desejos*. São Paulo: CJE/ECA/USP, 1994.

TATEISHI, B.; BRITO, R. H. P. A língua portuguesa em Macau. VII JORNADA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA – 2011. Universidade Presbiteriana Mackenzie, p. 1-14. Disponível em: <[http://www.mackenzie.com.br/fileadmin/Pesquisa/pibic/publicacoes/2011/pdf/let/bruno\\_tateishi.pdf](http://www.mackenzie.com.br/fileadmin/Pesquisa/pibic/publicacoes/2011/pdf/let/bruno_tateishi.pdf)>. Acesso em: 04 set. 2017.